

EDIÇÃO ESPECIAL
SAFRA 2012/2013

Ano 10 | Número 93 | Abril de 2013

Empresa Brasil

CACB
CONFEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES
COMERCIAIS E EMPRESARIAIS DO BRASIL

Produção de grãos é a maior da História

Dados preliminares projetam
incremento de 10,5% ao que foi
colhido no ciclo 2011/2012

FALHA LOGÍSTICA PREJUDICA PRODUTORES E EXPANSÃO DOS NEGÓCIOS



DIRETORIA DA CACB TRIÊNIO 2013/2015

PRESIDENTE

José Paulo Domelles Cairoli (RS)

1º VICE-PRESIDENTE

Rogério Pinto Coelho Amato (SP)

VICE-PRESIDENTES

Antônio Freire (MS)
Djalma Farias Cintra Junior (PE)
Jésus Mendes Costa (RJ)
Jonas Alves de Souza (MT)
José Sobrinho Barros (DF)
Rainer Zielasko (PR)
Reginaldo Ferreira (PA)
Sérgio Roberto de Medeiros Freire (RN)
Wander Luis Silva (MG)

VICE-PRESIDENTE DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

Sérgio Papini de Mendonça Uchoa (AL)

VICE-PRESIDENTE DE COMUNICAÇÃO

Alexandre Santana Porto (SE)

VICE-PRESIDENTE DA MICRO E PEQUENA EMPRESA

Luiz Carlos Furtado Neves (SC)

VICE-PRESIDENTE DE SERVIÇOS

Pedro José Ferreira (TO)

DIRETOR-SECRETÁRIO

Jarbas Luis Meurer (TO)

DIRETOR-FINANCEIRO

George Teixeira Pinheiro (AC)

CONSELHO FISCAL TITULARES

Jadir Correa da Costa (RR)
Ubiratan da Silva Lopes (GO)
Valdemar Pinheiro (AM)

CONSELHO FISCAL SUPLENTE

Alaor Francisco Tissot (SC)
Itamar Manso Maciel (RN)
Kennedy Davison Pinaud Calheiros (AL)

CONSELHO NACIONAL DA MULHER EMPRESÁRIA

Avani Slomp Rodrigues (PR)

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO JOVEM EMPRESÁRIO

Eduardo Machado

SUPERINTENDENTE

Antônio Chaves Barcellos

GERENTE ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO

César Augusto Silva

COORDENADOR DO EMPREENDEDOR

Carlos Alberto Rezende

COORDENADOR CBMAE/INTEGRA

Valério Souza de Figueiredo

COORDENADOR DO PROGEGRECS

Luiz Antônio Bortolin

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Neusa Galli Fróes

COORDENADORA DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Luzinete Marques

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Neusa Galli Fróes
Rejane Gomes
Thais Margalho

SCS Quadra 3 Bloco A

Lote 126
Edifício CACB
61 3321-1311
61 3224-0034
70.313-916 Brasília - DF

Site: www.cacb.org.br

Federações CACB

Acre – Federação das Associações Comerciais e Empresariais do

Estado do Acre – FEDERACRE

Presidente: George Teixeira Pinheiro

Avenida Ceará, 2351 Bairro: Centro

Cidade: Rio Branco CEP: 69909-460

Alagoas – Federação das Associações Comerciais do Estado de

Alagoas – FEDERALAGOAS

Presidente: Kennedy Davidson Pinaud Calheiros

Rua Sá e Albuquerque, 302 Bairro: Jaraguá

Cidade: Maceió CEP: 57.020-050

Amapá – Associação Comercial e Industrial do Amapá – ACIA

Presidente: Nilton Ricardo Felgueiras Faria e Sousa

Rua General Rondon, 1385 Bairro: Centro

Cidade: Macapá CEP: 68.900-182

Amazonas – Federação das Associações Comerciais e Empresariais

do Amazonas – FACEA

Presidente: Valdemar Pinheiro

Rua Guilherme Moreira, 281

Bairro: Centro Cidade: Manaus CEP: 69.005-300

Bahia – Federação das Associações Comerciais do Estado da

Bahia – FACEB

Presidente: Clóves Lopes Cedraz

Rua Conselheiro Dantas, 5. Edifício Pernambuco, 9º andar

Bairro: Comércio Cidade: Salvador CEP: 40.015-070

Ceará – Federação das Associações Comerciais do Ceará – FACC

Presidente: João Porto Guimarães

Rua Doutor João Moreira, 207 Bairro: Centro

Cidade: Fortaleza CEP: 60.030-000

Distrito Federal – Federação das Associações Comerciais e

Industriais do Distrito Federal e Entorno – FACIDF

Presidente: José Sobrinho Barros

SAI Quadra 5C, Lote 32, sala 101

Cidade: Brasília CEP: 71200-055

Espírito Santo – Federação das Associações Comerciais, Industriais e

Agropastoris do Espírito Santo – FACIAPES

Presidente: Amarildo Selva Lovato

Rua Henrique Rosetti, 140 - Bairro Bento Ferreira

Vitória ES - CEP 29.050-700

Goiás – Federação das Associações Comerciais, Industriais e

Agropecuárias do Estado de Goiás – FACIEG

Presidente: Ubiratan da Silva Lopes

Rua 143 - A - Esquina com rua 148, Quadra 66 Lote 01

Bairro: Setor Marista Cidade: Goiânia CEP: 74.170-110

Maranhão – Federação das Associações Empresariais do

Maranhão – FAEM

Presidente: Domingos Sousa Silva Júnior

Rua Inácio Xavier de Carvalho, 161, sala 05, Edifício Sant Louis.

Bairro: São Francisco- São Luís- Maranhão

CEP: 65.076-360

Mato Grosso – Federação das Associações Comerciais e

Empresariais do Estado do Mato Grosso – FACMAT

Presidente: Jonas Alves de Souza

Rua Galdino Pimentel, 14 - Edifício Palácio do Comércio

2º Sobreloja – Bairro: Centro Norte Cidade: Cuiabá CEP: 78.005-020

Mato Grosso do Sul – Federação das Associações Empresariais do

Mato Grosso do Sul – FAEMS

Presidente: Antônio Freire

Rua Quinze de Novembro, 390

Bairro: Centro Cidade: Campo Grande CEP: 79.002-917

Minas Gerais – Federação das Associações Comerciais e Empresariais de

Minas Gerais – FEDERAMINAS

Presidente: Wander Luis Silva

Avenida Afonso Pena, 726, 15º andar

Bairro: Centro Cidade: Belo Horizonte CEP: 30.130-002

Pará – Federação das Associações Comerciais e Empresariais do

Pará – FACIAPA

Presidente: Olavo Rogério Bastos das Neves

Avenida Presidente Vargas, 158 - 5º andar

Bairro: Campina Cidade: Belém CEP: 66.010-000

Paraíba – Federação das Associações Comerciais e Empresariais da

Paraíba – FACEPB

Presidente: Alexandre José Beltrão Moura

Avenida Marechal Floriano Peixoto, 715, 3º andar

Bairro: Bodocongo Cidade: Campina Grande CEP: 58.100-001

Paraná – Federação das Associações Comerciais e Empresariais do

Paraná – FACIAP

Presidente: Rainer Zielasko

Rua: Heitor Stockler de Franca, 356

Bairro: Centro Cidade: Curitiba CEP: 80.030-030

Pernambuco – Federação das Associações Comerciais e

Empresariais de Pernambuco – FACEP

Presidente: Jussara Pereira Barbosa

Rua do Bom Jesus, 215 - 1º andar

Bairro: Recife Cidade: Recife CEP: 50.030-170

Piauí – Associação Comercial Piauiense - ACP

Presidente: José Elias Tajra

Rua Senador Teodoro Pacheco, 988, sala 207.

Ed. Palácio do Comércio 2º andar - Bairro: Centro

Cidade: Teresina CEP: 64.001-060

Rio de Janeiro – Federação das Associações Comerciais e Empresariais

do Estado do Rio de Janeiro – FACERJ

Presidente: Jésus Mendes Costa

Rua do Ouvidor, 63, 6º andar - Bairro: Centro

Cidade: Rio de Janeiro CEP: 20.040-030

Rio Grande do Norte – Federação das Associações Comerciais do Rio

Grande do Norte – FACERN

Presidente: Itamar Manso Maciel Júnior

Avenida Duque de Caxias, 191 Bairro: Ribeira

Cidade: Natal CEP: 59.012-200

Rio Grande do Sul – Federação das Associações Comerciais e de

Serviços do Rio Grande do Sul - FEDERASUL

Presidente: Ricardo Russowsky

Rua Largo Visconde do Cairu, 17, 6º andar

Palácio do Comércio - Bairro: Centro

Cidade: Porto Alegre CEP: 90.030-110

Rondônia – Federação das Associações Comerciais

e Industriais do Estado de Rondônia – FACER

Presidente: Gerçon Szezerbatz Zanatto

Rua Dom Pedro II, 637 – Bairro: Caiari

Cidade: Porto Velho CEP: 76.801-151

Roraima – Federação das Associações Comerciais e Industriais de

Roraima – FACIR

Presidente: Jadir Correa da Costa

Avenida Jaime Brasil, 223, 1º andar

Bairro: Centro Cidade: Boa Vista CEP: 69.301-350

Santa Catarina – Federação das Associações Empresariais de Santa

Catarina – FACISC

Presidente: Alaor Francisco Tissot

Rua Crispim Mira, 319 - Bairro: Centro

Cidade: Florianópolis - CEP: 88.020-540

São Paulo – Federação das Associações Comerciais do Estado de

São Paulo – FACESP

Presidente: Rogério Pinto Coelho Amato

Rua Boa Vista, 63, 3º andar Bairro: Centro

Cidade: São Paulo CEP: 01.014-001

Sergipe – Federação das Associações Comerciais, Industriais e

Agropastoris do Estado de Sergipe – FACIASSE

Presidente: Alexandre Santana Porto

Rua Jose do Prado Franco, 557 Bairro: Centro

Cidade: Aracaju CEP: 49.010-110

Tocantins – Federação das Associações Comerciais e Industriais

do Estado de Tocantins – FACIET

Presidente: Pedro José Ferreira

103 Norte Av. LO 2 - 01 - Conj. Lote 22 Prédio da ACIPA -

Bairro: Centro Cidade: Palmas CEP: 77.001-022

- O conteúdo desta publicação representa o melhor esforço da CACB no sentido de informar aos seus associados sobre suas atividades, bem como fornecer informações relativas a assuntos de interesse do empresário brasileiro em geral. Contudo, em decorrência da grande dinâmica das informações, bem como sua origem diversificada, a CACB não assume qualquer tipo de responsabilidade relativa às informações aqui divulgadas. Os textos assinados publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

O potencial agrícola do Brasil

De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção brasileira de grãos deve atingir 183,5 milhões de toneladas na safra 2012/13. A quantidade é 10,5% superior ao ciclo 2011/12, em que o país produziu 166,1 milhões de toneladas. A área plantada deverá ser de 52,8 milhões de hectares, ou 8% maior que a área colhida em 2012 (48,8 milhões de hectares).

Esses números mostram que o sonho do Brasil de passar à condição de o maior produtor mundial de alimentos em 2021, conforme projeção do Ministério da Agricultura, não é sem razão. De fato, o Brasil tem enorme potencial agrícola e são poucos os obstáculos que poderiam impedir a futura expansão da produção de grãos e oleaginosas se contarmos com planejamento estratégico, pesquisas e adequado investimento de capital.

Estimativas conservadoras apontam que o Brasil pode elevar sua área cultivada para até 170 milhões de hectares, ou mais, desde que se solucionem aspectos legais, técnicos e financeiros, o que envolve a eventual legalização dos produtos transgênicos, a larga adoção de cultivares de maior produtividade e a intensificação dos investimentos na infraestrutura de transporte.

Entretanto, como ocorre em todos os anos, as condições logísticas para o transporte da safra já enfrentam entraves. O primeiro grande gargalo é a falta de armazéns adequados para as duas maiores culturas – soja, com produção prevista de 83,4 milhões de toneladas, e milho, com colheita estimada em 35,1 milhões na primeira safra e 40,9 milhões na segunda. O resultado dessa imprevidência já se faz sentir. Devido ao transporte de longas distâncias entre a zona produtora e as instalações de estocagem, os preços estão em ascensão.

O segundo está relacionado com os modais de transporte interno. Calcula-se que em razão da demasiada dependência das rodovias, ao contrário dos Estados Unidos e de vários outros países produtores, onde o uso de ferrovias e hidrovias é mais comum, os custos logísticos do Brasil situam-se na faixa de até 12% do PIB.

Para termos uma ideia dessa anomalia, somente na última semana de fevereiro, o preço do frete para o transporte rodoviário para os produtos agrícolas subiu entre 20% e quase 70%, dependendo da região. Quem pagou R\$ 80 por tonelada para escoar a produção agrícola de Campo Verde ao terminal ferroviário de Alto Taquari, no Mato Grosso, agora precisa desembolsar R\$ 135 por tonelada, uma alta de 68%, segundo dados do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea).

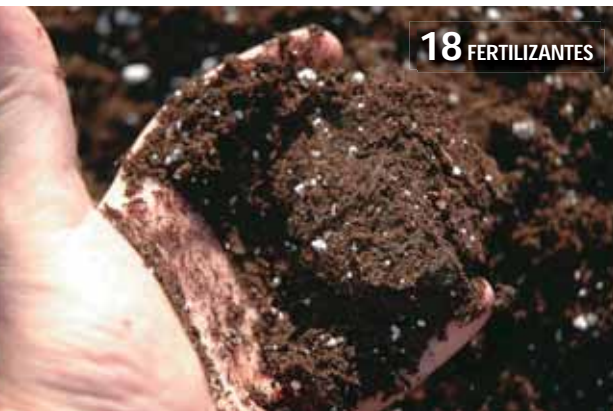
O instituto estima que, só em Mato Grosso, a variação do preço do frete neste ano poderá dobrar em relação aos 35% de aumento registrados no ano passado. Para resumir: o custo do frete vem engolindo o ganho do produtor com a venda do seu produto. A demora do país em solucionar velhos gargalos no campo mostra que ainda não dispomos de uma estratégia de país para o agronegócio. Os avanços tecnológicos aplicados no campo continuam garantindo saltos de produtividade, mas esses mesmos ganhos são ameaçados com a perspectiva de alta nos custos de frete e com o permanente risco de quebras de safra e quedas repentinas de cotações.



*José Paulo Dornelles Cairolí,
presidente da Confederação
das Associações Comerciais
e Empresariais do Brasil*



8 **CAPA**



18 **FERTILIZANTES**



28 **SEGURANÇA ALIMENTAR**

Coordenação Editorial: Neusa Galli Fróes
fróes, berlato associadas
escritório de comunicação

Edição: Milton Wells - mwells@terra.com.br

Projeto gráfico: Vinícius Kraskin

Diagramação: Kraskin Comunicação

Foto da capa: Lulu/Fotolia.com

Revisão: Flávio Dotti Cesa

Colaboradores: Lívia Meimes, Rejane Gomes e Thais Margalho.

Execução: Editora Matita Perê Ltda.

Comercialização: Fone: (61) 3321.1311 - comercial@cacb.org.br

Impressão: Arte Impressa Editora Gráfica Ltda. EPP

3 PALAVRA DO PRESIDENTE

A demora do país em solucionar velhos gargalos no campo mostra que ainda não dispomos de uma estratégia para o agronegócio.

5 PELO BRASIL

O Integra, criado pela CACB, com apoio do Sebrae, também passará a alcançar o estado do Amazonas. O acordo foi assinado no final do mês de fevereiro com a Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Amazonas.

8 CAPA

País deve bater novo recorde na safra 2012-2013, com 185 milhões de toneladas de grãos.

12 CRÉDITO

Governo destina mais de R\$ 100 bilhões para o setor.

14 CENÁRIOS

Brasil pode ter apagão portuário em até sete anos se o governo não apostar em medidas para modernizar o setor, afirma a senadora Katia Abreu, presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

17 MÁQUINAS AGRÍCOLAS

A prorrogação, até o fim de 2013, do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), por meio do BNDES,

trouxe novo alento para a indústria de máquinas agrícolas.

18 FERTILIZANTES

Supersafra, redução no preço do câmbio e investimento em tecnologia incrementam receitas do setor.

20 INFRAESTRUTURA

Apesar de se consolidar como uma das maiores potências produtoras de alimentos, o Brasil ainda esbarra em antigos entraves no transporte de grãos.

22 ARMAZENAGEM

Falta de capacidade gera aumento dos custos da produção.

24 EXPORTAÇÕES

Complexo soja deve retomar liderança das vendas externas do Brasil em 2013.

26 ECONOMIA

Agropecuária representa 22% do PIB nacional.

28 SEGURANÇA ALIMENTAR

Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação já lida com a possibilidade de faltarem alimentos para boa parte da população no mundo.

30 ARTIGO

Inovação e qualificação promovem a agricultura brasileira – por Adriana Brondani.

Empreender SUPLEMENTO ESPECIAL

Empresários investem em negócios diferenciados e se destacam no mercado

SEBRAE

Serviço Profissional de Apoio às Pequenas e Médias Empresas

Integra é lançado no Amazonas

O Integra, criado pela Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil (CACB), com apoio do Sebrae, também passará a alcançar o estado do Amazonas. O acordo foi assinado no final do mês de fevereiro com a Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Amazonas (Facea). Criado sob medida para capacitação gerencial de micro e pequenas empresas, o projeto visa à formalização de empreendedores. O lançamento ocorreu em Manaus, na terça-feira (26). No Amazonas, o Integra pretende capacitar 2,5 mil donos e funcionários de micro e pequenas empresas, entregar para 750 o selo de "Excelência em Gestão", formalizar 500 empreendedores individuais e capacitar 250 empreendedores individuais formalizados.



Representantes da Facea, CACB e Sebrae participam do lançamento do Integra em Manaus

Parceria para a qualificação e geração de novos empregos

A Federação das Associações Comerciais do Estado de Alagoas (Federalagoas) e a Secretaria de Estado do Trabalho, Emprego e Qualificação Profissional (Seteq), com o apoio da Associação Comercial de Maceió, estão preparando para 2013 o Qualifica Alagoas. O projeto será voltado para a capacitação de profissionais de acordo com a demanda das empresas integrantes dos núcleos setoriais, do programa Empreender da CACB.

A ação busca a inclusão de novos profissionais no mercado de trabalho, com capacitações que vão acontecer no espaço das empresas, proporcionando a prática no próprio ambiente de trabalho. De acordo com o Presidente da Federalagoas, Kennedy Calheiros, a parceria vai beneficiar tanto a empresa quanto os empregados. "Esta é a nossa forma de incentivar a economia local, oferecendo qualificação, gerando empregos e minimizando o problema das empresas", afirma.

O projeto deve começar em Maceió e se estender por todos os municípios do interior do estado onde o Empreender atua. Para a coordenadora do Empreender em Alagoas, Cléa Carvalho, é fundamental ouvir o empresário para que os treinamentos atendam em 100% aos anseios das empresas. "Acertando na demanda, acertaremos na qualificação e na inserção do profissional no mercado de trabalho", ressaltou a coordenadora.



Pesquisa avalia impacto socioeconômico da Certificação Digital no Brasil

A Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil (CACB) participará de uma pesquisa, realizada pelo Instituto de Tecnologia da Informação (ITI), que pretende detectar o impacto socioeconômico da Certificação Digital no Brasil. O ITI é um órgão ligado à Presidência da República, e a pesquisa será produzida em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, por meio do Núcleo de Estudos em

Inovação, Gestão e Tecnologia da Informação (IGTI/UFSC).

“Este é o reconhecimento à CACB dado pelo ITI. Significa que nossa participação no setor é relevante e que o governo federal vê isso”, avalia o coordenador nacional do Programa de Geração de Receitas e Serviços da CACB (Progerecs) e responsável pela promoção da certificação digital na rede da entidade, Luiz Antônio Bortolin.

ACDF e CRECI-DF se unem em busca de soluções para o Distrito Federal

O presidente da ACDF (Associação Comercial do DF), Cleber Pires, já deu início às articulações junto a outras prestigiosas entidades para valorizar o comércio de rua no Distrito Federal. Ele se reuniu com o presidente do Creci-DF (Conselho Regional de Corretores de Imóveis do Distrito Federal), Hermes Alcântara, na sede da ACDF, para construir uma parceria na busca de soluções para os problemas do DF – entre eles, segurança, estacionamento e evasão do comércio para centros de compras. As duas entidades firmaram o compromisso de debater o tema e buscar soluções conjuntas ao longo de 2013. As propostas serão encaminhadas para os gestores públicos, para acelerar decisões em benefício da sociedade.

*Presidente da ACDF,
Cleber Pires, e o
presidente do Creci-DF,
Hermes Alcântara.*



Presidente da Associação Comercial de Sergipe é reeleito para o biênio 2013-2015

O presidente da Federação das Associações Comerciais e Empresariais de Sergipe (Faciase), Alexandre Porto, estará à frente da Associação Comercial de Sergipe (Acese) também no biênio 2013-2015. A cerimônia de posse aconteceu no dia 8 de março, na sede da entidade. Porto também é vice-presidente de Comunicação da Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil (CACB), desde janeiro deste ano.



Presidente da CACB, José Paulo Dornelles Cairolí, e o presidente da Faciase, Alexandre Porto, durante a homenagem aos 140 anos da entidade

Atendimento 0800 apoia as ações do programa do Integra

Desde julho de 2012, quando o número 0800 720 2014 foi ativado, dois pontos de atendimento situados nas instalações da empresa Opinião Consultoria atendem cerca de 500 ligações por mês. O serviço está disponível de segunda a sexta das 8h às 18h para todos aqueles que necessitam de mais informações sobre as ações do programa Integra ou querem se inscrever nos cursos da plataforma de educação a distância.

Para o diretor de negócios da Opinião, Carlos André Machado, “o 0800 é um canal fundamental de contato entre os interessados e a CACB, porque reforça as informações do programa que constam em outros canais como o site institucional (www.cacb.org.br/integra), prestando mais esclarecimentos e aproximando os empresários interessados da coordenação nacional do Integra”, explica.

Confira a agenda de reuniões regionais do Progerecs

O Programa de Geração de Receitas e Serviços da CACB (Progerecs) fechou a agenda de Fóruns Regionais para o primeiro semestre de 2013. Estão convidados os gestores e presidentes das Associações Comerciais, a fim de debater os gargalos na oferta de serviços e buscar soluções em grupo. Veja a data da reunião na sua região:

Região Norte

Local: Belém
Data: 16, 17 e 18/4
Responsável: Lúcio

Região Nordeste

Local: Recife
Data: 14, 15 e 16/5
Responsável: Walmam

Centro-Oeste

Local: Brasília
Data: 21, 22 e 23/5
Responsável: Rúbia

Região Sul

Local: Santa Catarina
Data: 4, 5 e 6/6
Responsável: Gilson

Região Sudeste

Local: São Paulo
Data: 18, 19 e 20/6
Responsável: Ricardo

Brasil deve colher 183 milhões de toneladas de grãos



Preços, transporte, logística de portos, controle de oferta e demanda e uma política adequada de safras: as incertezas que alarmam as estimativas

O primeiro trimestre de 2013 trouxe boas notícias para a agricultura brasileira: a produção de grãos neste ano deve ser a maior da história do país, com 185 milhões de toneladas, segundo estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), ou seja, 11,3% maior que a safra anterior. O número diverge pouco da estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que aponta um recorde de 183,3 milhões de toneladas de grãos, 13,1% a mais do que em 2012 (162,1 milhões de toneladas). No entanto, essa diferença nos dados é explicada pela metodologia utilizada pela Conab e pelo IBGE. A companhia utiliza como

base o ano-safra (que vai de agosto a julho do ano seguinte), enquanto que o IBGE analisa a colheita de janeiro a dezembro. Historicamente, a agricultura é uma das principais bases da economia brasileira. Com solo fértil, clima favorável e disponibilidade de água, os produtores mostram que é possível a cada ano aumentar a produção e consolidar o Brasil como celeiro do mundo, expressão utilizada por Getúlio Vargas, no Estado Novo.

Segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o governo federal tem trabalhado para manter uma agricultura forte, que impulse o PIB brasileiro. Nesse sentido, aumentou o crédito e reduziu as taxas de juros. Em conse-

quência, os resultados colhidos não devem surpreender, dada a capacidade do setor de superar seus limites.

O Ministério destaca também o esforço do governo em definir as políticas de atuação para garantir uma produtividade crescente, o que envolveu uma atuação integrada com outras áreas – como o Conselho Interministerial de Estoques Públicos de Alimentos (Ciep) e com os ministros Pepe Vargas e Gleisi Hoffmann, respectivamente, do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e Casa Civil.

DESTAQUES

O principal produto da safra recorde é a soja, com crescimento previsto de 25,7% e produção esti-

mada em 83,42 milhões de toneladas, conforme a Conab. O produto também deve apresentar o maior crescimento em relação à área plantada. Na safra anterior, foram plantados 25 milhões de hectares. Na atual safra, esse número deve atingir 27,6 milhões de hectares, o que representa um aumento de 10,4%. Os números ainda não são consolidados, porque, segundo a Conab, podem ocorrer variações caso haja mudanças climáticas.

Já o IBGE estima uma safra de 82,95 milhões de toneladas, o que mostra um aumento de 26,3% em relação a 2012. A área colhida cresceu 9,7% (27,36 milhões de hectares) e o rendimento médio esperado é de 3.031 kg/ha, num crescimento de 15%.

Segundo o IBGE, no ano passado, a produção mundial de soja sofreu forte queda em decorrência de problemas climáticos em países como Estados Unidos, Argentina e Brasil. Em consequência desse cenário, os estoques mundiais foram reduzidos, os preços da commodity subiram e aumentaram os investimentos em tecnologia e insumos.

Mas a produção da soja deve crescer 60,9% na região Sul. De acordo com o IBGE, esse crescimento, em parte, reflete recuperação da produção.

No Centro-Oeste, o crescimento esperado da produção é de 13,5% (Mato Grosso espera produzir 24,4 milhões, Goiás, 9,2 milhões e Mato Grosso do Sul, 5,9 milhões de toneladas). Embora o preço da saca de soja tenha caído 15% nos dois últimos meses, o valor recebido pelo produtor ainda fica em torno de 40% superior ao praticado em 2011.

MILHO

O segundo produto de destaque é o milho 2ª safra. Estima-se que serão produzidos 40,9 milhões de toneladas, um aumento de 4,6% em relação à safra anterior. De acordo com a Conab, essa deve ser a maior safra de milho, superando a produção do milho 1ª safra (estimada em 35,1 milhões de toneladas).

Assim como a soja, houve um aumento da área plantada de milho 2ª safra, passando de 7,6 para 8,3 milhões de hectares, ou seja, um acréscimo de 8,5%. Segundo a Conab, outras culturas também devem registrar aumentos em relação à área plantada. Entre elas estão o amendoim 1ª safra, aveia, canola, cevada e triticale (obtido do cruzamento de trigo com centelho).

Já o IBGE estima uma produção de 38,1 milhões de toneladas de milho 2ª safra, 0,7% de decréscimo em relação à mesma safra de 2012. A área plantada e colhida é estimada em 7,9 milhões de hectares, com aumentos de 7,3% e 9,5%, respectivamente, em comparação ao ano anterior. O rendimento apresenta queda de 9,3% (4.799 kg/ha), demonstrando a cautela dos informantes, que não acreditam em condições climáticas tão boas quanto em 2012.

REGIÕES

Segundo os dados do IBGE, as maiores produções vêm do Centro-Oeste (72 milhões de toneladas), seguido do Sul (71,2 milhões de toneladas), Sudeste (19,2 milhões de toneladas), Nordeste (16,7 milhões de toneladas) e Norte (4,3 milhões de toneladas). Mato Grosso é o esta-



De acordo com a Conab, milho 2ª safra é o segundo produto de destaque, depois da soja. Estima-se que serão produzidos 40,9 milhões de toneladas, um aumento de 4,6% em relação à safra anterior

Produtividade deve ser a maior já registrada na História, de 3,5 toneladas por hectare. A área total plantada prevista é de 52,98 milhões de hectares

do que lidera como maior produtor nacional de grãos, com participação de 23,4%; seguido pelo Paraná, com 20,2%; e Rio Grande do Sul, com 15,0%. São estados que, juntos, representam 58,8% do total produzido pelo país.

PRODUTIVIDADE

A cada ano, os produtores têm se esforçado para modernizar a produção e melhorar as condições do trabalho no campo com um objetivo: aumentar a produtividade por hectare. Segundo a Conab, a produtividade deve ser a maior já registrada na história, de 3,5 toneladas por hectare. A área total plantada prevista é de 52,98 milhões de hectares. Para o IBGE, a área plantada é de 53 milhões de hectares, um acréscimo de 8,4% frente à área colhida em 2012 (48,8 milhões de hectares).

EXPECTATIVAS

Relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), divulgado em fevereiro, mostra que, nos próximos dez anos, o Brasil deve continuar tendo papel de destaque no comércio internacional de produtos agropecuários. A previsão é de que a soja em grão brasileira terá participação de 44% nas exportações mundiais.

Segundo o relatório, a expectativa é de que sejam exportados 144,3 milhões de toneladas de soja em grãos na safra 2022/23, sendo que o Brasil deve responder por 63,8 milhões de toneladas desse total. A maior participação, em seguida, é dos Estados Unidos (43,8 milhões de toneladas ou 30% do mercado internacional), com a Argentina em terceiro lugar (17,5 milhões de toneladas; 12,1%).

Colheita da soja entra na fase final em Mato Grosso

A colheita de soja em Mato Grosso, principal estado produtor da oleaginosa do país, já se aproxima de seu estágio final, segundo dados do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea). Na primeira quinzena de março, a colheita de soja tinha superado em 85% da área plantada. Em áreas importantes, como Primavera do Leste, no sudeste do Estado, e no entorno de Sinop e Sorriso, no médio-norte mato-grossense, os trabalhos de campo estão praticamente encerrados.

A safra de soja de Mato Grosso deverá atingir 24,1 milhões de toneladas, segundo o Imea, ou pouco menos de um terço da safra nacional. Na temporada passada, o estado colheu 21,3 milhões de toneladas. A produção brasileira de soja para 2012/2013, como a de quase toda a América do Sul, é de expansão de cultivo, o que se deve ao custo de produção relativamente mais baixo, além das perspectivas de preços sustentáveis. O fato é que o mercado brasileiro de soja passa por um dos melhores momentos da História.



No primeiro bimestre, as vendas externas da soja somaram 32,9 milhões de toneladas, segundo maior resultado de toda a História



Batata inglesa, com alta de 27,1%, lidera preços dos produtos no mercado

Valor de produção deve aumentar 13% sobre 2012

A estimativa para o Valor Bruto de Produção (VBP) das principais lavouras do país em fevereiro de 2013 foi de R\$ 277,2 bilhões, 13% superior em valores reais ao valor obtido em 2012. Os cálculos – feitos pela Assessoria de Gestão Estratégica do Mapa – são elaborados a partir dos levantamentos de grãos apresentados em janeiro pela Conab e pelo IBGE, além do cálculo sobre o preço dos produtos no mercado. A maior parte dos produtos analisados apresenta aumento do valor da produção em 2013. Os maiores destaques até o momento são a batata inglesa, com alta de 27,1%; feijão, 19,5%; laranja, 31,3%; milho, 19%; soja, 27%, e tomate, 49,8%. Também devem apresentar aumento arroz, banana, cana-de-açúcar, fumo e trigo. Poucas culturas apontam para a redução de valor até o momento, como algodão,

café e mandioca. “Esse resultado ainda pode aumentar em 2013. Como a estimativa leva em conta a produção e os preços no mês, é possível que ocorram reajustes durante a safra”, afirmou o coordenador de Planejamento Estratégico de AGE do Mapa, José Garcia Gasques, lembrando que o valor previsto em fevereiro ainda é o maior da série histórica do VBP iniciada em 1997.

Os resultados regionais mostram uma redução momentânea do valor da produção no Norte do país, de 1,18%, e crescimento nas demais regiões. O Centro-Oeste e o Sul lideram os aumentos previstos no valor este ano. No Sul, a alta prevista é de 37,4% e no Centro-Oeste de 13,4%. Vários produtos são responsáveis pelo bom desempenho dessas regiões, como soja, milho, tomate, feijão e frutas.

Produtor está de olho no clima

O mundo já está contando com a safra cheia do Brasil e da Argentina para abastecimento mundial. Segundo Cleber Noronha, analista de mercado do Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), qualquer redução na safra da América do Sul resultará em um forte impacto no mercado futuro, então a hora é de realmente focar na commodity. No caso do estado de Mato Grosso, o bom ano do milho do ano passado resultou em estoque razoável, capaz de equilibrar o aumento da produção de soja. “O que realmente deve tomar atenção do produtor é a chuva, que pode atrapalhar tanto o processo de colheita como a qualidade do grão. No começo do ano, sojicultores daqui temiam cinco dias ininterruptos de precipitação, mas foi exatamente o que aconteceu, no campo os grãos ou estão germinando ou fermentando. A atenção agora deve ser redobrada. É hora de ficar com um olho nas tendências climáticas e o outro nas bolsas internacionais e, assim, aproveitar as brechas tanto mercadológicas como do clima”, aconselha.

Governo destina mais de **R\$ 100 bilhões para o setor**

Banco do Brasil, líder no crédito ao agronegócio, já liberou na atual safra 2012-2013 cerca de R\$ 40 bilhões da meta de R\$ 55 bilhões



A cada ano os produtores rurais buscam mais crédito para modernizar o processo produtivo e, conseqüentemente, aumentar os ganhos no campo. O cenário atual não poderia ser melhor para quem necessita de crédito: há uma carteira de mais de R\$ 100 bilhões a juros abaixo do mercado e incentivos, para facilitar, por exemplo, a aquisição de equipamentos agrícolas. Para o plano agrícola e pecuário 2012-2013, o governo federal destinou R\$ 115,2 bilhões, sendo R\$ 86,9

bilhões para financiar o custeio e a comercialização e R\$ 28 bilhões para os programas de investimentos. Isso significa um aumento de 7,5% em relação ao crédito da safra passada. Além disso, a taxa anual de juros foi reduzida de 6,75% para 5,5%. Com uma carteira volumosa à disposição, os produtores rurais obtiveram, entre julho de 2012 e janeiro de 2013, R\$ 65,8 bilhões em crédito, de acordo com informações do Departamento de Economia Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Os financiamentos apresentaram alta de 15,8% em relação ao mesmo período da temporada 2011-12. Nos mesmos sete meses da safra anterior, os produtores agropecuários obtiveram R\$ 56,8 bilhões em crédito, sendo R\$ 43,9 bilhões em financiamentos de custeio e comercialização e R\$ 12,8 bilhões em investimento – na safra atual, esses valores alcançaram R\$ 49,3 bilhões e R\$ 16,4 bilhões, respectivamente.

De acordo com o Mapa, a principal modalidade em contratações de investimento nos sete primeiros me-

ses da safra foi o Programa de Sustentação de Investimento (PSI-BK). Ao todo, foram contratados R\$ 5,8 bilhões no período, alta de 50,4% sobre os R\$ 3,8 bilhões contratados em igual período da safra anterior.

O Banco do Brasil, líder absoluto no crédito ao agronegócio, já liberou na atual safra 2012-2013 R\$ 40 bilhões da meta de R\$ 55 bilhões. Em 2012, a carteira de agronegócios do BB no conceito ampliado, incluindo operações de crédito rural e agroindustrial, representou 18,6% da carteira de crédito total em dezembro de 2012, alcançando R\$ 108 bilhões, com expansão de 20,8% em 12 meses. Segundo o BB, as linhas de Pronaf e Pronamp atingiram R\$ 24,2 bilhões e R\$ 11,9 bilhões, respectivamente, com incremento em 12 meses de 20,7% e 66,1% na mesma ordem. Essas operações foram impulsionadas por ajustes nas condições de crédito que ampliaram o público alvo.

Para a safra 2012-2013, o governo também disponibilizou, por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), R\$ 18 bilhões para operações de crédito rural, maior volume para o programa em dez anos, o que mostra a importância da agricultura familiar na produção de alimentos no país. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a agricultura familiar participa com cerca de um terço do Valor Bruto da Produção Agropecuária.

O plano garantiu mais R\$ 4,2 bilhões para o seguro, a assistência técnica e o apoio à comercialização da agricultura familiar. Os juros para o investimento serão de no máximo 2%

ao ano, e para o custeio, 4% ao ano.

O secretário da Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Valter Bianchini, explica que o volume de recursos para a agricultura familiar tem crescido acima dos índices de inflação. Ele lembra que o aumento desse volume é uma determinação da presidente Dilma Rousseff, “que disse que não faltarão recursos para fortalecer a agricultura em geral e a agricultura familiar”. “Foram disponibilizados R\$ 18 bilhões na última safra (2012-2013) e possivelmente teremos um aumento de recursos para o Plano Safra da Agricultura Familiar deste ano (2013-2014). Estamos projetando um crescimento importante de recursos disponibilizados às famílias. Estamos crescendo na parcela da agricultura familiar mais estruturada e com investimentos crescentes (o Banco do Brasil e o BNDES apontam crescimento de quase 20% do volume de aplicações nesta safra, 2012/2013) e também na agricultura mais fragilizada. No semiárido, apesar da seca, hoje temos mais de 500 mil operações do microcrédito rural, o chamado Pronaf B”, afirma.

Bianchini destaca também que o “universo de contratos de crédito em andamento no Pronaf é muito grande. São mais de 3 milhões de contratos. Ao ano, 1,2 milhão de contratos são feitos – divididos entre o Microcrédito B, Pronaf Custeio e para os investimentos. Há potencial para o crescimento. Nosso desafio agora é identificar em quais regiões, em que categoria de agricultores não chega ainda esse importante instrumento do crédito”.



**Bianchini:
“Desafio é
identificar em
quais regiões o
crédito ainda
não chega”**



CNA defende ampliação do plano de safra para 2012/2013

Medida é considerada fundamental para permitir que os produtores rurais possam planejar melhor a atividade, com a possibilidade de comprar antecipadamente, e por preços melhores, os insumos

Num ano em que o principal assunto da agricultura brasileira é a supersafra de grãos, o cenário de baixo crescimento doméstico, as incertezas da economia mundial e a forte queda do PIB da indústria tornam as estimativas conservadoras. A produção primária deve sustentar os números do PIB e os resultados do agronegócio, mas os elos da cadeia produtiva preocupam.

Dados preliminares da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontam que a safra 2012/2013 deve render 180 milhões de tonela-

das de grãos, com destaque para soja e milho. A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) corrobora com a perspectiva e prevê para 2013 um Valor Bruto da Produção (VBP) de R\$ 382,8 bilhões, expansão de 4,3% em relação a 2012 – tanto graças ao quantitativo da colheita quanto em relação ao bom preço dos grãos.

Neste cenário, estimativas otimistas de crescimento para o PIB do agronegócio podem atingir o intervalo entre 3,5% e 4%, ressaltando que o desempenho da agroindústria interfere diretamente nos resultados. As estimativas para o café apontam

50,48 milhões de sacas em 2013. Para a cana, os números também são positivos, indicando aumento de 6,5% na produção, de 560,3 milhões de toneladas, em 2012, para 569,6 milhões de toneladas, em 2013.

A presidente da CNA, senadora Katia Abreu, defende que o setor agropecuário precisa de um pacote de medidas para o Plano de Safra 2013/2014 que tenha regras de financiamento e valores das linhas de crédito para o período de 18 meses. “Ampliar o período do plano de safra de 12 para 18 meses é fundamental para permitir que os produtores rurais possam planejar melhor a atividade, inclusive com a possibilidade de comprar antecipadamente, e por preços melhores, os insumos”, afirmou. Numa etapa posterior, a CNA solicita que o governo federal elabore planos quinquenais para o setor.

Mesmo com a dificuldade logística, o Brasil conquista o primeiro lugar no ranking dos maiores exportadores mundiais, com vendas de soja projetadas em 37,4 milhões de toneladas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda). A presidente da CNA defende também a necessidade de intensificar as ações de promoção comercial de produtos agropecuários do Brasil no exterior. “O Brasil pode produzir mais para atender à demanda externa, mas o incremento das vendas depende de uma política comercial que garanta a diversificação da pauta e a ampliação do comércio”, afirma. Ela espera que a CNA e o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa) ocupem dois assentos vagos na Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil).



*Katia Abreu,
presidente da CNA:
“O Brasil pode produzir
mais para atender à
demanda externa,
mas o incremento
das vendas depende
de uma política
comercial que garanta
a diversificação
da pauta e a ampliação
do comércio”*

Gargalos e prioridades

Se o principal problema do setor agrícola em 2012 foram as disputas por terras indígenas, o mercado já escolheu a defasagem logística como o fantasma de 2013. A previsão de boa safra é recebida com alerta de sérios problemas de armazenagem, transporte e embarque nos portos. Outro

grande problema é o das rodovias – proporcionalmente muito mais importantes para o agronegócio no Brasil do que em outros países, onde o uso de ferrovias e hidrovias é mais comum. Só isso bastaria para deixar os brasileiros em séria desvantagem. Mas, além disso, há os problemas de conservação e de qualidade das estradas no Brasil.

CENÁRIOS



Brasil ocupa a 130ª posição, numa lista de 142 países, em termos de qualidade dos portos. No país, o desembarço aduaneiro demora em média 5,5 dias, contra 2,9 dias na média mundial

Ainda segundo a CNA, o Brasil terá um apagão portuário em até sete anos se o governo não apostar em medidas para modernizar o setor. “Se não tomarmos providências e não aprovarmos essa MP, permitindo que a iniciativa privada possa investir na atividade portuária, assumindo riscos, aumentando a capacidade de escoamento e expandindo o sistema portuário, teremos um apagão nos próximos sete anos”, afirma a senadora Katia Abreu.

De acordo com dados apresentados pela senadora, a movimentação de contêineres pelos portos brasileiros poderá duplicar nos próximos sete anos, exigindo o aumento da oferta de terminais privados e a ampliação dos espaços públicos. “Os recursos da iniciativa privada são fundamentais no processo de modernização”, afirmou.

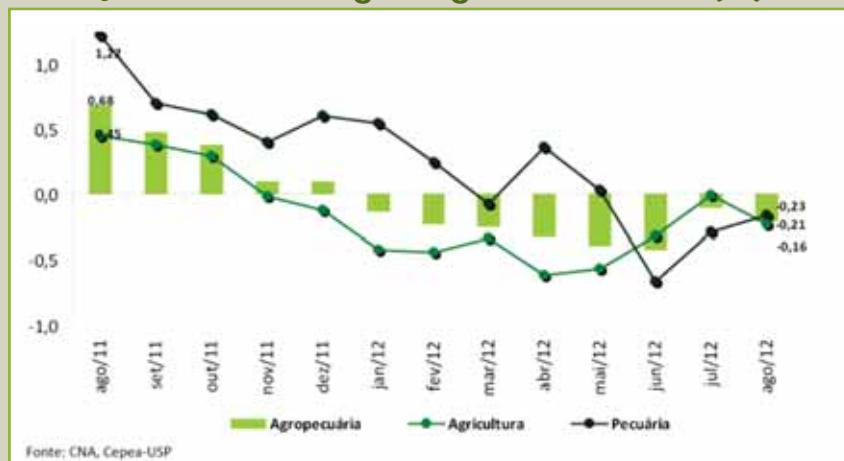
A senadora defende a aprovação da MP como forma de garantir condições mais competitivas para os produtos vendidos pelo Brasil no exterior. Ela ressalta que as licenças ambientais para a construção dos portos demoram de três a quatro anos para serem obtidas, mesmo tempo

de duração para a construção de um porto. Outro entrave é a burocracia que atrasa o processo de despacho e o recebimento das cargas, encarecendo os custos finais do frete. Esse problema causou prejuízos de R\$ 246 milhões em 2010, reflexo do período de 79 mil horas que os navios ficaram parados nas costas brasileiras.

Segundo levantamento do Fórum Econômico Mundial, o Brasil ocupa a 130ª posição, numa lista de 142 países, em termos de qualidade dos portos. No país, o desembarço aduaneiro demora em média 5,5 dias, contra 2,9 dias na média mundial.

Outro problema que tem tirado o sono dos especialistas é a armazenagem. Especialistas avaliam que seria necessário melhorar a quantidade e a qualidade dos silos, que ainda não usam a tecnologia 100% hermética. A capacidade estática dos armazéns públicos praticamente se manteve estável nos últimos quatro anos. No Brasil, apenas 4% da armazenagem é feita em silos. Há um enorme potencial do mercado brasileiro – e parte deste segmento deve ser atendido por empresas estrangeiras.

Evolução do PIB do agronegócio em 2012 (%)



ABRIL/2013 – SEBRAE.COM.BR – 0800 570 0800

Empreender

CONHECIMENTO E INOVAÇÃO

Empresários investem em
negócios diferenciados e se
destacam no mercado



Cláudio Henrique
de Faria, dono
da Vila dos Pães,
no Distrito Federal

SEBRAE

Serviço Brasileiro de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas

CEARÁ LANÇA O UP-CIRCUITO DE NEGÓCIOS DE MODA

Ação integrada ao projeto Polo Moda e funciona como uma incubadora comercial para micro e pequenas empresas do setor

ANA LÚCIA MACHADO
AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS / CE

Vinte micro e pequenas empresas cearenses, integrantes do projeto Polo Moda, estão participando de uma iniciativa pioneira: o Up-Círculo de Negócios de Moda. A iniciativa funciona como incubadora comercial e vem sendo executada no Centro Atacadista do Maraponga Mart Moda, em Fortaleza. O objetivo é inserir esses pequenos negócios no mercado atacadista, propiciar novas oportunidades de parcerias, captação de clientes e fortalecimento das referidas marcas.

As empresas participantes do projeto recebem orientação e consultorias e dispõem, por um período de seis meses, de acompanhamento sistemático de técnicos do Sebrae no Ceará. Em contrapartida, elas têm como meta, durante esse período, a geração de negócios no valor estimado em R\$ 350 mil.

O Centro Atacadista Maraponga Mart Moda foi escolhido para participar da iniciativa por ser o maior o centro de comércio atacadista de moda existente no Ceará, dispondo de uma infraestrutura exclusiva para captação

de compradores, mediante a realização de quatro feiras anuais de moda – Feira de Moda de Fortaleza, Ceará Summer Fashion, Maraponga 40 Graus e Salão da Moda Íntima. Eventos que têm visibilidade e divulgação nacionais.

Segundo a gestora do projeto de Moda do Sebrae no Ceará, Diva Mercedes, o objetivo do Sebrae na cadeia produtiva da Moda é propiciar aos empresários ações que possibilitem seu desenvolvimento e crescimento empresarial. “De forma organizada e com foco em resultados, o Sebrae no Ceará viabiliza um leque de ferramentas como consultorias, capacitação, design, participação em feiras, eventos, missões empresariais e em rodadas de negócios, além de publicações de divulgação das ações”, explica.

O Polo Moda, que atendeu mais de 300 empresas nos últimos três anos, tem como meta aumentar o registro de casos de sucesso relativos às boas práticas de gestão e associativismo, ampliar em 8% o volume financeiro de vendas das empresas e aumentar as exportações do setor, subindo para 5% o número de novas empresas no mercado internacional, a cada ano de realização do projeto. **E**

EM SEIS MESES, AS
EMPRESAS TÊM COMO
META FATURAR CERCA DE
R\$ 350 MIL

EMPRESÁRIO INOVA AO ABRIR PADARIA EM POSTO DE GASOLINA

Empreendimento em Brasília conta hoje com três unidades e emprega 70 pessoas

LÍVIA BARRETO
AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS / DF

O empresário Cláudio Henrique de Faria conta que, há pouco mais de uma década, não imaginava que um dia seria dono de três panificadoras. Ele e o cunhado eram sócios na administração de um motel e estavam envolvidos na construção do Shopping Flamingo, na região administrativa de Sobradinho (DF).

Quando o shopping ficou pronto, em 2001, os empresários encomendaram uma pesquisa de mercado para saber quais eram as necessidades dos potenciais frequentadores do local. Descobriram que farmácias, loterias,

lanchonetes, barzinhos e padarias eram alguns dos empreendimentos mais desejados pelos moradores da região. E que uma padaria no caminho de casa seria muito bem-vinda.

O empresário decidiu aproveitar a oportunidade e procurou o Sindicato da Indústria de Alimentação de Brasília (Siab), que tem parceria com o Sebrae no Distrito Federal. Participou de cursos, contratou uma consultoria, encomendou móveis e máquinas e, em pouco mais de cinco meses, inaugurou a Vila dos Pães, em 2002.

Em agosto de 2008, o empreendedor abriu a primeira filial da Vila dos Pães, no Sudoeste. Em março de 2012, no mesmo bairro, foi aberta a segunda filial.

A empresa começou com 26 funcionários e, hoje, conta com 70 empregados. Para Cláudio, encontrar mão de obra é um dos maiores desafios do ramo da panificação. "As pessoas só querem fazer concurso ou se voltam para a construção civil. Ninguém quer ser padeiro ou confeitoiro", afirma. **E**



Empresário Cláudio Henrique apostou no próprio negócio e hoje tem três padarias

PROGRAMA AJUDA LOJA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO A CRESCER

Localizada no interior de Goiás, empresa registra melhoria de 25% nas vendas



Casal Marcílio Gremonesi e Osanita Vieira da Silva, da Gramado Pisos

“A LOJA ESTAVA DEFASADA, PARADA NO TEMPO. FUI ATRÁS DO SEBRAE PARA MUDAR”

WARLEM SABINO
AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS / GO

Ex-proprietária de um açougue em Minas Gerais, a empreendedora Osanita Vieira da Silva não pensou duas vezes ao se mudar com o marido, Marcílio Gremonesi, para Catalão, no sudoeste de Goiás. Segundo ela, era preciso voltar a ter um negócio próprio. O casal comprou a Gramado Pisos, loja de material para construção, no centro da cidade.

Como tinha pouca experiência no ramo da construção, Osanita procurou ajuda do Sebrae em Goiás para alavancar o comércio. “A loja estava defasada, parada no tempo. Fui atrás do Sebrae para mudar”, explica. Em novembro do ano passado, concluiu o programa Banho de Loja. Osanita não esperou a capacitação de três meses terminar para dar início a uma reformulação completa no empreendimento. Enquanto fazia o curso, adquiriu novos e mais modernos expositores para a loja, mudou a fachada e colocou piso. “Olha que absurdo: nós vendemos cerâmicas e porcelana-

tos, mas pisávamos no contrapiso, no cimento”, conta.

O investimento, até dezembro, alcançou R\$ 7 mil. Para este ano, a previsão é de novas mudanças, principalmente na parte de visual, e investimento em publicidade. Desde setembro, quando começou o Banho de Loja, a empreendedora revela que registrou melhoria de 25% nas vendas. “Sem falar que o pessoal está elogiando bastante a loja.”

Além de investimentos, 2013 será de mais capacitações para Osanita. Ela vai se inscrever em um curso de precificação do Sebrae em Goiás, além de estimular seus funcionários a participarem dos treinamentos da instituição. A Gramado Pisos tem 14 funcionários e fatura, em média, R\$ 250 mil por mês.

O programa Banho de Loja é subsidiado e ministrado pelo Sebrae e tem como objetivo fortalecer as micro e pequenas empresas, principalmente nas áreas de qualidade, produtividade, gestão, marketing, faturamento e aumento de vendas. **E**

SEBRAE PREMIA MULHERES EMPREENDEDORAS

Premiação contou com 65 finalistas de todas as regiões do Brasil

AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS

Empreendedoras de sucesso de todo o Brasil foram reconhecidas no dia 7 de março, durante a cerimônia de entrega do Prêmio Sebrae Mulher de Negócios, na sede do Sebrae Nacional, em Brasília (DF). A final foi disputada por 65 finalistas, sendo que nove foram premiadas, distribuídas nas categorias: Pequenos Negócios (donas de micro e pequenas empresas), Negócios Coletivos (mulheres que fazem parte de grupos de produção formal, como cooperativas e associações de pequenos negócios) e Microempreendedora Individual.

Agda Oliver, do Distrito Federal, ficou com o primeiro lugar na categoria Pequenos Negócios. Ela comanda a oficina Meu Mecânico, voltada para mulheres, que fica em Ceilândia. "O prêmio significa que estou no caminho certo. Tenho certeza de que esse troféu vai alavancar o meu negócio", ressalta.

Já a gaúcha Nadir Daroit, que comanda a Coosidra, uma cooperativa

de sistemas hidráulicos, foi a grande vencedora da categoria Negócios Coletivos. "Essa vitória é o reconhecimento de toda a minha trajetória profissional. A gente ganha até mais respeito, depois de levar um prêmio para casa. Valeu muito a pena toda a força que tive para continuar nessa luta", comemora.

A cabeleireira Gislaine Marcandali, de São Paulo, dona da Dublê Lavatório Portátil, conquistou o troféu ouro de Microempreendedora Individual. "O Prêmio Sebrae Mulher de Negócios representa uma maior projeção da minha empresa no mercado. É o coramento do meu esforço", diz. A empresária paulista patenteou o produto e hoje recebe encomendas até do exterior.

No evento, que integrou as comemorações do Dia Internacional da Mulher, o presidente do Sebrae, Luiz Barretto, destacou que o perfil das empreendedoras premiadas tem se modificado. "Elas estão cada vez mais abrindo negócios por oportunidade e não por necessidade. Conseguem inovar e buscam conhecimento", destaca. **E**



Rodrigo de Oliveira

Gislaine Marcandali, Agda Oliver e Nadir Daroit foram as vencedoras nacionais da premiação

VENCEDORAS DO PRÊMIO SEBRAE MULHER DE NEGÓCIOS 2012

Pequenos negócios

Ouro – Agda Oliver (DF) / Meu Mecânico – oficina mecânica

Prata – Ana Maria de Sousa (PI) / Colégio São Lucas

Bronze – Jocilene Colognese Pellizzer (PR) / Pellizzer Viagens e Turismo

Empreendedora Individual

Ouro – Gislaine Marcandali (SP) / Dublê Lavatório Portátil

Prata – Soraia Cerqueira Felipe (PR) / Tacógrafos Londrina

Bronze – Leila Beatriz (TO) / Jubiart – artesanato

Negócios coletivos

Ouro – Nadir Daroit (RS) / Coosidra - Cooperativa de Produção de Sistemas Hidráulicos Ltda.

Prata – Rosângela Fonseca (SP) / Cooperativa Regional Solidária de Catadores de Resíduos Sólidos – Coopersol

Bronze – Serrate Maria Souza Gonçalves (PI) / Trançados da Ilha - Fabricação de artefatos de tapeçaria



O prêmio está com as inscrições abertas para a edição de 2013: www.mulherdenegocios.sebrae.com.br



SEBRAE APRESENTA CALENDÁRIO DAS FEIRAS DO EMPREENDEDOR

Circuito conta com 11 edições estaduais em 2013

PRISCILA MENDES
AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS

Um dos maiores eventos de empreendedorismo do país, a Feira do Empreendedor completou duas décadas no ano passado e mais de 2 milhões de clientes cadastrados. Em 2013, mais do que atender os interessados em abrir um negócio, o evento vai focar na competitividade e na sustentabilidade das empresas já existentes.

O circuito contará com 11 edições estaduais e colocará em prática a segmentação do público do Sebrae para tornar o atendimento mais efetivo e personalizado a pelo menos 185 mil visitantes. A feira também tem uma nova logomarca. O cata-vento, que representa bons ventos para os negócios, continuará sendo o ícone, mas agora com um layout mais simples e moderno.

As novidades não param por aí. Em Boa Vista, o evento focará na inovação, sustentabilidade, inclusão produtiva e acessibilidade. Esses temas serão trabalhados a partir das pesquisas Oportunidades de negócios para Roraima e Hábitos de Consumo do Roraimense. Já na cidade de Curitiba, o destaque será um espaço interativo, que atende a uma demanda crescente de empreendedores e empresá-

rios que buscam orientações pela internet. Os visitantes poderão conhecer ainda uma loja modelo, com o que há de mais moderno em varejo. Outro destaque é a apresentação das oportunidades de negócio no estado por meio de um catálogo virtual.

Na Bahia o foco estará no atendimento e na capacitação. A economia criativa será destaque, com atividades ligadas a moda, gastronomia regional, música, turismo e artesanato. E a segmentação de público tornará o atendimento mais fácil e efetivo. Serão mais de 20 mil vagas de capacitação e 150 expositores reunidos no Centro de Convenções de Salvador.

O Rio de Janeiro promete uma feira para atrair mais de 50 mil pessoas ao Centro Sulamérica, na capital do estado. Parte da programação será direcionada às comunidades pacificadas, que vêm apresentando uma procura crescente pelos serviços do Sebrae.

No Distrito Federal, inovação e sustentabilidade financeira, ambiental e econômica nos pequenos negócios serão o mote do evento em 2013.

O evento também apresentará oportunidades de negócios voltadas para a Copa do Mundo da FIFA 2014, baseadas em estudo promovido pelo Sebrae e pela Fundação Getúlio Vargas. **E**

CALENDÁRIO DE FEIRAS DO EMPREENDEDOR EM 2013:

- Curitiba (PR) – 21 a 24 março
- Brasília (DF) – 21 a 24 de agosto
- Cuiabá (MT) – 11 a 15 de setembro
- Boa Vista (RR) – 19 a 22 de setembro
- Manaus (AM) – 25 a 28 de setembro
- Maceió (AL) – 9 a 12 de outubro
- Macapá (AP) – 16 a 19 de outubro
- Aracaju (SE) – 17 a 20 de outubro
- Salvador (BA) – 22 a 26 de outubro
- Imperatriz (MA) – 6 a 9 de novembro
- Rio de Janeiro (RJ) – 28 de novembro a 2 de dezembro

Indústria prevê novo incremento nas vendas

A definição de regras para o financiamento para até dezembro deste ano explica o otimismo do setor, que também conta com os preços das commodities



A prorrogação, até o fim de 2013, do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para incentivar investimentos e aumentar a competitividade da indústria trouxe um novo alento para a indústria de máquinas agrícolas.

Em 2012, as vendas do setor atingiram recorde, com alta de 6,2% ante o ano anterior, segundo nota da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). No acumulado do ano, foram vendidas 69.374 unidades, um patamar que somente foi possível graças ao aumento dos preços de commodities e o anúncio do PSI a 2,5%, relatou

Milton Rego, diretor da Anfavea, referindo-se à taxa de juros das linhas de crédito do PSI. Em 2011, as vendas atingiram 65,3 mil unidades, e, em 2010, 68,5 mil.

A definição de regras para o PSI para até dezembro deste ano – juros de 3% no primeiro semestre e de 3,5% no segundo – explica o otimismo das empresas, que também contam com preços ainda elevados das commodities e bons resultados no campo brasileiro.

A John Deere, tradicional fabricante de tratores e colheitadeiras, projeta um avanço neste ano, mas não cita metas. O Brasil superou o Canadá e já é o segundo mercado para a empresa, atrás dos Estados Unidos. A América Latina responde

por 15% da receita global da multinacional americana, e o mercado brasileiro responde por mais da metade dessa fatia latina apenas com os negócios da área agrícola.

A AGCO, também sediada nos Estados Unidos, dona da marca Massey Ferguson, anunciou, ainda no fim de novembro, que a perspectiva para 2013 é positiva. “Podemos ter outro ano de recorde”, disse o CEO Martin Richenhagen. A AGCO estima que as vendas de tratores e colheitadeiras no Brasil podem crescer entre 5% e 10% em 2013.

A New Holland, marca do grupo CNH, estima crescer cerca de 10% este ano frente a 2012, que registrou aumento das vendas internas de aproximadamente 5% ante 2011.



Infraestrutura arcaica torna **mais difícil atender a demanda**

Supersafra, redução no preço do câmbio e investimento em tecnologia podem levar o Brasil a um crescimento de 8%; entretanto, logística deficitária preocupa

A perspectiva da supersafra traz preocupação de um lado e comemoração de outro. Com a maior capitalização do produtor rural e a elevação das commodities, o setor de fertilizantes tem expectativa de crescimento de mais de 8% em 2013, podendo chegar a vender 30,5 milhões de toneladas, conforme especialistas da RC Consultores.

Neste contexto, será possível antecipar as compras para o primeiro semestre, quando a demanda pelo insumo é menor. Ainda segundo dados da RC Consultores, o crescimento na receita agrícola bruta brasileira

em 2013 – de R\$ 259,5 bilhões em 2013 e de R\$ 239,6 bilhões em 2012 – poderá propiciar uma continuidade do aporte de tecnologia por parte do produtor rural.

O mercado precisa ser analisado a partir de diversos focos. Como o Brasil é um país ainda muito dependente das importações de fertilizantes, o preço do câmbio ainda tem muito impacto. O dólar comercial iniciou 2013 na casa dos R\$ 2,04. No final de fevereiro, a cotação chegou a R\$ 1,98, o que não acontecia desde maio de 2012. O dólar mais baixo torna mais atrativas as compras do exterior.

O presidente da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), Davi Roquetti Filho, explica que o agronegócio brasileiro é impactado fortemente por questões relativas ao sistema tributário, infraestrutura e logística, meio ambiente, seguro agrícola, dentre outras. "Políticas públicas sustentáveis em direção a esses temas são fundamentais para a sobrevivência do agronegócio e, conseqüentemente, do país", reforça.

Roquetti Filho defende ainda que "a prosperidade de um setor ou país não é herdada, mas sim, criada". Neste sentido, o país precisa de políticas públicas que gerem valor para o agronegócio de forma sustentável. "A infraestrutura brasileira em alguns setores é de 10, 15 anos atrás. É cada vez mais difícil atender a toda a demanda", acrescenta. Para a Anda, os investimentos de infraestrutura mais urgentes são portos e estradas, além de ferrovias e hidrovias que equilibrem melhor o transporte modal brasileiro.

Com uma perspectiva de queda no preço da soja no mercado internacional devido à expectativa de superproduções no Cone Sul, o momento desenha-se como uma excelente oportunidade para que o produtor possa adiantar suas compras e se preparar para o segundo semestre.

Os preços globais dos fertilizantes devem continuar relativamente estáveis no quarto trimestre, mas com um viés de alta. A demanda dos Estados Unidos será o foco das atenções no quarto trimestre, pois as áreas afetadas pela seca devem realizar comprar para aplicação no outono e na primavera do Hemisfério Norte, para o plantio da próxima safra de grãos 2013/2014.

Com o momento de crescimento, o setor espera adquirir mais independência em relação às importações. Em 2013, o agricultor tende a estar capitalizado, já que os preços devem permanecer estáveis. Atualmente, o Brasil é o 4º maior consumidor de fertilizantes no mercado internacional. O volume de importação corresponde a 75% do que se consome.

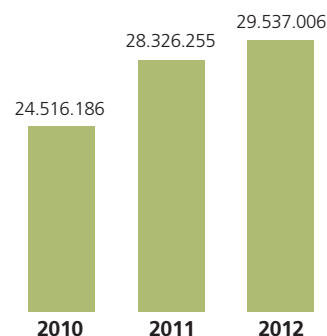
Preços mantêm-se estáveis

Até o final de janeiro, cerca de 2 milhões de toneladas de fertilizantes já haviam sido entregues no Brasil, segundo a Anda. O volume é 8,6% maior que o registrado em janeiro do ano passado, quando 1,86 milhão de toneladas de adubos foram vendidas, de acordo com pesquisa da Scot Consultoria. A tonelada do fertilizante ficou cotada, em média, em R\$ 1.223,40 em São Paulo (preço médio).

Em curto prazo, a reação nas vendas de fertilizantes no país para atender o setor de cana-de-açúcar e safrinha deve dar sustentação aos preços no mercado interno. Os preços dos adubos e matérias-primas estão firmes no mercado internacional.

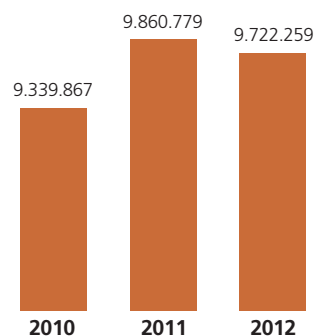
Fertilizantes entregues ao consumidor final

(total do ano em toneladas de produto)



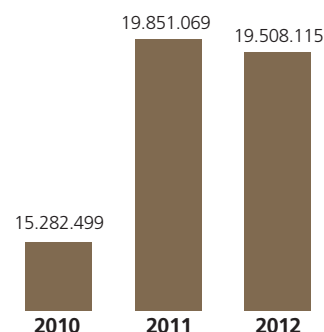
Produção nacional de fertilizantes intermediários

(total do ano em toneladas de produto)



Importação de fertilizantes intermediários

(total do ano em toneladas de produto)



Fonte: Siacesp



Falha logística atrasa escoamento da safra

Apesar de se consolidar como uma das maiores potências produtoras de alimentos, o Brasil ainda esbarra em antigos entraves no setor de armazenagem e nos modais de transporte

Não é a primeira vez que a previsão de um ano bom para o agronegócio acompanha o prenúncio de sérios problemas de armazenagem, transporte e portos. Nas últimas duas décadas, o Brasil consolidou sua posição como um dos principais produtores mundiais de alimentos. O avanço deve-se principalmente ao investimento na pesquisa e na modernização produtiva. Entretanto, no mesmo período, o país não conseguiu criar a infraestrutura que desse segurança em relação à estocagem e à movimentação eficiente e barata da produção.

Se as projeções de recorde de safra se confirmarem, produtores,

processadores e exportadores terão de enfrentar condições logísticas preocupantes, já que armazéns, vias de transporte interno e portos estão defasados. Faltam armazéns adequados para as duas maiores culturas – soja (com produção prevista de 83,4 milhões de toneladas) e milho (com colheita estimada em 35,1 milhões na primeira safra e 40,9 milhões na segunda). A insuficiência e a distribuição inadequada de armazéns encarecem o produto, pois forçam o deslocamento em longas distâncias, entre a zona produtora e as instalações de estocagem.

Discussão antiga também é sobre o modal do transporte escolhido para o Brasil. Aqui, as rodovias são muito mais

importantes para o agronegócio do que em outros países – como nos Estados Unidos, onde o uso de meios de transporte mais em conta, como ferrovias e hidrovias, é comum. Sem mencionar os problemas de conservação e de qualidade das estradas no Brasil.

A capacidade e a operação dos portos também são discutidas há muito tempo. O governo se dispõe a adotar novas políticas de estímulo a investimentos em terminais, e discute uma nova legislação com a Medida Provisória 595, conhecida como MP dos Portos, que tem sido defendida pelo setor empresarial como a segurança jurídica necessária para os projetos orçados em R\$ 54 bilhões e distribuídos em todo o país. Entretanto, os critérios oficiais têm sido criticados por diferentes grupos de interesses – tanto empresários quanto sindicalistas.

Em recente pesquisa da Confederação Nacional dos Transportes (CNT), nos próximos dez anos, o Brasil precisa de grandes investimentos em rodovias, ferrovias, portos. Serão necessários R\$ 300 bilhões tanto na situação do transporte quanto na localização do estoque e deslocamento de mercadorias. Há uma expectativa permanente entre os representantes dos diversos setores da economia brasileira por uma infraestrutura de transporte condizente com o nível de desenvolvimento que se espera para o Brasil.

O Plano CNT de Transporte e Logística indica os caminhos para uma infraestrutura avaliada ideal para o transporte brasileiro, defendendo a multimodalidade e apresentando projetos comparáveis aos dos países mais

desenvolvidos do mundo. Ao todo, são 748 projetos orçados em mais de R\$ 400 bilhões. “A deficiência da nossa infraestrutura de transporte sempre foi ponto conhecido, e a necessidade de se buscar soluções para isso, objeto de luta da CNT. Por mais de 25 anos, o Brasil deixou de investir em transportes. É certo que nos últimos anos, com a execução do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), o setor ganhou um novo fôlego”, defende o presidente da Confederação, senador Clésio Andrade.

O Programa de Investimento em Logística, anunciado pelo governo em 2012, que prevê investimentos na ordem de R\$ 133 bilhões em rodovias e ferrovias, e R\$ 60,6 bilhões para portos, também é uma boa iniciativa para que em um futuro, esperamos não muito distante, tenhamos a infraestrutura de transporte à altura das expectativas de crescimento econômico e social do país. A concessão desses trechos pelo governo aumentará a participação da iniciativa privada no provimento de infraestrutura de transporte e possibilitará a solução de gargalos do setor.

“Reconhecemos os avanços alcançados nos últimos anos, mas ainda há muito a ser feito. Os desafios para a modernização de portos e aeroportos ainda estão postos, aguardando os investimentos necessários. A retomada da infraestrutura ferroviária deve ser meta contínua para que o Brasil possa pensar em logística com multimodalidade”, avalia Andrade.

Segundo a CNT, atualmente, os custos logísticos no Brasil representam algo como 11,6% do PIB, contra 8,7% nos Estados Unidos.



Andrade:
“A retomada da infraestrutura ferroviária deve ser meta contínua para que o Brasil possa pensar em logística com multimodalidade”,

Falta de capacidade provoca aumento nos custos da produção

Para zerar déficit, setor necessita de investimentos de R\$ 10 bilhões

A produção de grãos no Brasil aumenta a cada ano e enfrenta um gargalo: a insuficiência de armazéns. Sem armazenagem suficiente, aumentam os custos da produção. A safra recorde prevista para 2013 pode gerar um déficit de armazenagem de 40 milhões de toneladas.

Os cálculos foram feitos pelo superintendente comercial da Kepler Weber, João Tadeu Franco Vino, com base nas informações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e levam em conta a previsão de safra de 185

milhões de toneladas. A Kepler Weber é uma das maiores empresas brasileiras do setor de armazenagem, beneficiamento e movimentação de grãos, e detém 45% do mercado nacional.

Para zerar o déficit, indústrias, agricultores e governo deveriam investir cerca de R\$ 10 bilhões, segundo o especialista, que também coordena o grupo de armazenagem da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). De acordo com ele, nos últimos cinco anos, foram investidos entre R\$ 7 bilhões e R\$ 8 bilhões em armazenagem.

João Tadeu Vino explica que no Brasil apenas 20% da capacidade de armazenagem está nas fazendas e 80%, nas cooperativas e trade company. Nos Estados Unidos, o modelo é outro: 65% da capacidade estão nas fazendas e o restante em trade company, por exemplo.

Ele cita um estudo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) que mostra que o ideal é que os países tenham capacidade para armazenar 120% de sua produção. No Brasil, esse número representaria uma capacidade de 216 milhões de toneladas.



Segundo o especialista, o produtor sabe que precisa investir em armazenagem, mas vive o dilema de ter que investir “em outras prioridades”. “Estamos ao lado do governo para resolver a questão da armazenagem. Há dinheiro disponível para o agricultor, uma vez que o governo disponibilizou um volume muito bom de crédito para financiar equipamentos, com taxas de juros razoáveis. Mas o produtor, muitas vezes, não tem as condições necessárias para conseguir o crédito ou tem outras prioridades.”

João Tadeu Vino lembra que a falta de armazenagem, além de gerar aumento nos custos de produção e do transporte dos grãos, compromete a qualidade do produto. “Investir em armazenagem na fazenda possibilita que todo o controle da produção fique nas mãos do agricultor. Assim, ele pode planejar melhor a programação da colheita, a secagem, a armazenagem e a venda. Isso garante qualidade em todo o processo. Se todo o controle da produção estiver nas mãos do agricultor, melhor. Dessa forma, evitamos perdas e aumentamos as chances de conseguir um bom preço final para o produto.”

Mato Grosso, Maranhão, Bahia e Tocantins são alguns dos estados onde o déficit de armazenagem é uma realidade. No Mato Grosso, com o excesso de chuvas, por exemplo, o agricultor correu para vender o produto o mais rápido possível, porque não tinha como armazenar. “Às vezes, falta até mesmo caminhão para tirar o produto da fazenda. Um dia que o agricultor espere, ele perde qualidade no produto”, destaca ele.

Ações - Com o objetivo de antecipar os problemas relacionados à

agricultura no país e garantir a produtividade no setor, o governo federal instalou, em fevereiro, o Conselho Interministerial de Estoques Públicos (Ciep). Criado por decreto da presidente Dilma Rousseff, o conselho tem como atribuição definir as condições para a compra e a liberação de estoques públicos de alimentos.

Na primeira reunião do conselho, o ministro do Desenvolvimento Agrário, Pepe Vargas, destacou que o objetivo é “discutir objetivamente o Plano Safra, de maneira que estejamos perfeitamente informados de todos os aspectos que envolvem a cadeia produtiva e saibamos de que forma vamos ter que agir durante este ano, para que não sofremos a mesma situação que sofremos no ano passado”.

De acordo com o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mendes Ribeiro Filho, que também integra o Ciep, o governo federal busca garantir melhor escoamento e armazenagem da produção. “Os investimentos em pesquisa pela Embrapa já nos permitem dizer que a tecnologia brasileira vislumbra os olhos do mundo. Ou seja, vamos continuar trabalhando para manter a estabilidade da economia e manter a posição de um dos maiores produtores de alimentos. A produtividade também cresceu, e deverá ser a maior já registrada, com 3,5 toneladas por hectare. E o mais importante: Este ano, o produtor não poderá ter problemas com armazenagem. Agora, o produtor irá mover dinheiro para dentro da porteira. Precisamos sempre garantir a renda do produtor. A minha prioridade no Ministério da Agricultura é ser um articulador da política agrícola.”

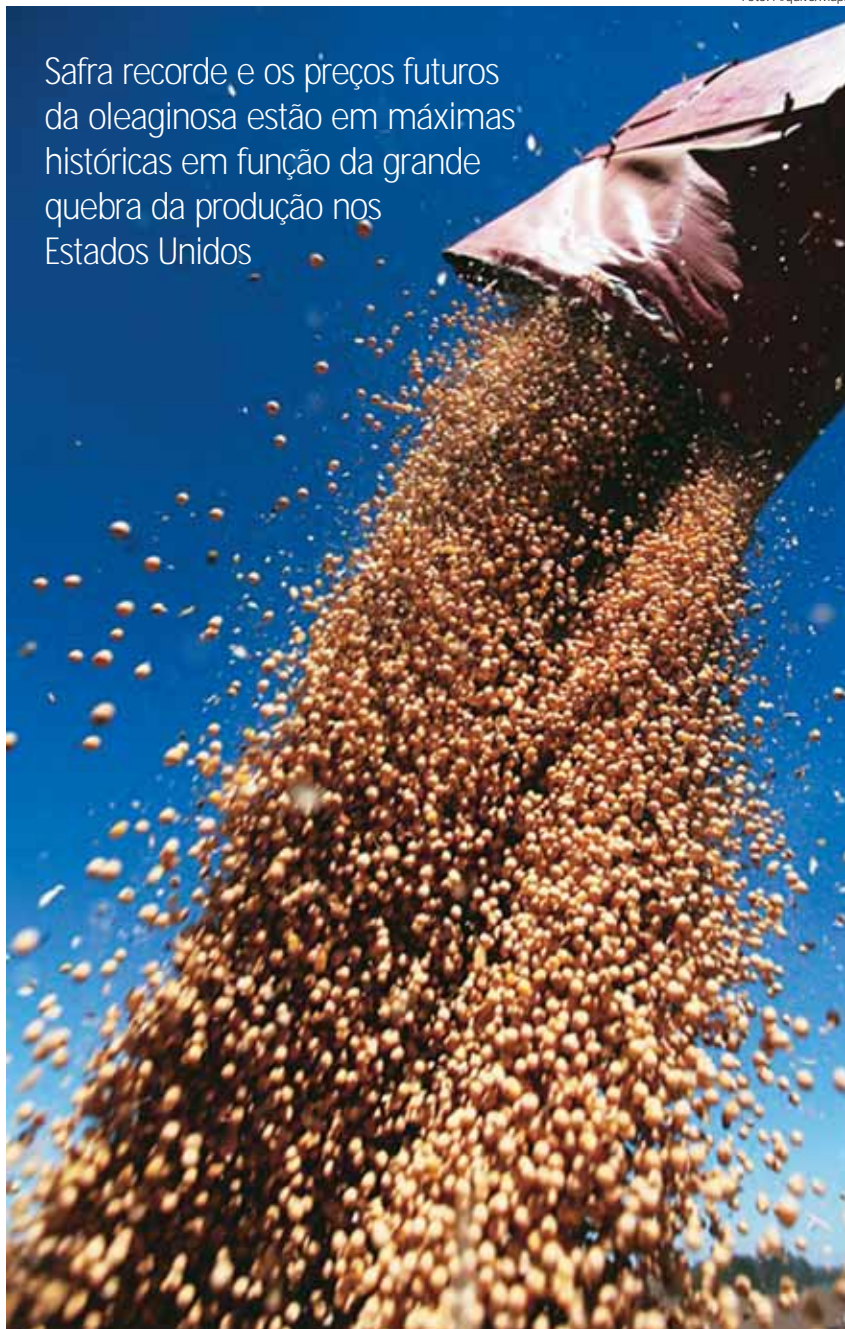


João Tadeu Vino, da Kepler Weber: safra recorde prevista para 2013 pode gerar um déficit de armazenagem de 40 milhões de toneladas

Complexo soja deve retomar liderança das vendas externas do Brasil em 2013

Foto: Arquivo/Mapa

Safra recorde e os preços futuros da oleaginosa estão em máximas históricas em função da grande quebra da produção nos Estados Unidos



Em 2012, as exportações brasileiras tiveram o segundo maior valor da série histórica da balança comercial, com um total de US\$ 242,6 bilhões. O valor recorde ainda é de US\$ 256 bilhões, registrado em 2011. Do total, as exportações do agronegócio somaram US\$ 84,1 bilhões e responderam por 34% das vendas externas do país. Farelo de soja (US\$ 6,595 bilhões), milho (US\$ 5,359 bilhões) e algodão em bruto (US\$ 2,104 bilhões) alcançaram recordes de vendas no ano.

Para 2013, os especialistas projetam um volume de US\$ 81,3 bilhões para as exportações do agronegócio, correspondendo a 33,8% das vendas externas totais. O saldo comercial do agronegócio deve somar US\$ 70,4 bilhões, em comparação a US\$ 72,8 bilhões do ano passado.

As exportações do complexo soja, que inclui o grão, o farelo e óleo, poderão retomar a liderança nas vendas externas do Brasil em valores em 2013, uma vez que se espera uma safra recorde e os preços futuros da oleaginosa estão em máximas históricas em função da grande quebra da produção dos Estados Unidos, afirmou à Reuters José Augusto de Castro, presidente em exercício da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

Castro ressaltou que a alta nas cotações dos preços dos produtos agrícolas ocorre principalmente pelas perdas expressivas na safra de soja e milho dos Estados Unidos, tradicionalmente os maiores produtores e exportadores dos dois produtos. Segundo projeção da AEB, este ano as exportações da soja em grão devem ficar em US\$ 22 bilhões, com crescimento de 25% ante 2012.

Hoje, segundo a entidade, cerca de 70% da soja produzida pelo Brasil é vendida em grãos, 28% em farelo e 2% em óleo. O preço

da tonelada do óleo de soja é mais do que duas vezes maior do que a tonelada do grão ou do farelo. Entretanto, segundo o presidente da AEB, o sistema tributário brasileiro indiretamente estimula a exportação do produto bruto, uma vez que a industrialização resultaria na cobrança de impostos que baixariam as margens de lucro dos produtores.

Para o engenheiro agrônomo Leonardo Machado, técnico da Faeg (Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás), mesmo que exportada em grãos, a soja gera benefícios em

cadeia para a economia brasileira.

Ele diz que o plantio e o escoamento da oleaginosa movimentam a economia das regiões produtoras, ao requerer a compra de máquinas e caminhões, criar empregos, estimular investimentos imobiliários e recolher impostos.

Machado atribui o sucesso da soja a três fatores principais: a oferta de crédito aos produtores, o avanço tecnológico no setor e a forte demanda externa pelo produto (principalmente da China), que facilita a comercialização do produto.

Vendas externas do agronegócio são exceção à regra

No início do ano, a balança comercial brasileira registrou resultados fracos. As vendas externas do agronegócio são exceção à regra. Enquanto o comércio de petróleo e de produtos industrializados está em queda, a pauta de exportações dos produtos agrícolas está em franca ascensão. Em janeiro, quando a balança global teve o maior déficit da História, de US\$ 4,035 bilhões, a agrícola sustentou superávit de US\$ 5,12 bilhões.

As vendas do setor, que subiram 14,7%, representaram 41,2% das exportações do país. Com poucas exceções, o comércio dos produtos cresceu na casa de dois dígitos e de até três dígitos. De acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), em janeiro as vendas do milho, que liderou o crescimento das ex-

portações agrícolas, aumentaram 327,5%. As exportações de açúcar aumentaram 48,4% e as de carne bovina, 29,2%. O complexo soja, que no ano passado vendeu bem, foi um dos itens a registrar queda em janeiro deste ano. As exportações passaram de US\$ 953 milhões para US\$ 373 milhões, recuando 60,9%. O setor produtivo alega que em 2012 a quebra de safra nos Estados Unidos e a demanda aquecida ajudaram a alavancar os preços e as vendas.

Para o vice-presidente da entidade, Fábio Martins Faria, o agronegócio "sem dúvida é uma vocação" do Brasil. "Temos terras agricultáveis e tecnologia com ganho de produtividade muito grande. O ruim é não termos a mesma eficiência na exportação de produtos industrializados", diz

ele, que defende investimentos em infraestrutura a fim de garantir competitividade.

Ele reivindica ainda melhoria na qualificação da mão de obra, redução dos preços dos insumos e da carga tributária para alavancar as exportações da indústria brasileira. "A gente está ficando para trás. Não está conseguindo virar essa página. Os países asiáticos e o México, por exemplo, têm um desempenho melhor", afirma.

Sobre o programa de investimentos anunciado pelo governo federal em rodovias e ferrovias, ele acha que será demorado. "Sem dúvida, o agronegócio também se beneficiaria de uma infraestrutura de transportes mais moderna e eficiente, já que atualmente o escoamento da produção é o seu principal gargalo", atesta.



Agropecuária representa **22% do PIB nacional**

Até 2021, segundo o Ministério da Agricultura, o Brasil deve passar os Estados Unidos na produção de gêneros alimentícios, tornando-se líder no fornecimento de comida no mundo

Agropecuária representa mais de 22% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Em 2012, o clima e as barreiras sanitárias prejudicaram o resultado do PIB da agropecuária, segundo o IBGE. Apesar da safra recorde de grãos, houve um recuo de 2,3% no segmento no ano em relação a 2011. No ano passado, a produção de soja caiu 12% em comparação ao ano anterior; a

cana-de-açúcar sofreu um recuo de 5,3%, o trigo, 23% e o arroz 15%. Somente o milho (20%) e o café (15%) tiveram incremento.

Segundo os especialistas, as perdas na safra de verão provocadas pela estiagem no início do ano passado são as maiores responsáveis pela queda do PIB agropecuário. Mas os preços mais baixos também contribuíram. A principal queda ocorreu na produção de soja, com perdas muito

fortes no Sul do país. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE apontou safra recorde de 162,1 milhões de toneladas de grãos em 2012, mas não inclui itens de peso no setor agropecuário, o que provocou divergências entre o aumento no volume produzido e a queda no PIB. Outro fator que pode ter pesado no fraco desempenho no ano foi a pecuária, que tem cedido área para a agricultura.

Para este ano há uma expectativa de equilíbrio no faturamento bruto da safra em comparação ao ano passado. Entretanto, segundo o ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, ainda é muito cedo para comemorar. Lembra que há falta de chuva na região Nordeste e existe até uma perspectiva de queda na produção de soja. “Em matéria agrícola, o clima sempre tem a última palavra”, sentencia Rodrigues. “Mas é inegável que o potencial agrícola do país é muito bom.”

Até 2021, segundo o Ministério da Agricultura, o Brasil deve passar os Estados Unidos na produção de gêneros alimentícios, tornando-se líder no fornecimento de comida no mundo. A pesquisa mostra que a produção agropecuária brasileira deve crescer 23%, com o aumento de 9,5% de áreas cultivadas. O Brasil apresenta índices de desenvolvimento agrícola acima da média mundial, de acordo com o estudo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2011. O país também lidera a produtividade agrícola na América

Latina e Caribe e tem crescimento médio de 3,6% ao ano.

O país figura entre os líderes em algumas das principais culturas. É o segundo maior produtor de soja (atrás dos Estados Unidos) e o terceiro de milho (depois de Estados Unidos e China). É destaque ainda em uma variedade de produtos, de café e carnes a frutas e etanol. No entanto, segundo analistas, diferentemente de outros líderes nesse setor, que atingiram o seu limite de área e produtividade, o Brasil ainda tem muito a avançar. “O Brasil está perfeitamente habilitado a, nos próximos dez anos, chegar a 300 milhões de toneladas”, diz o ex-ministro. “A demanda por produtos agrícolas vai crescer bastante nos próximos anos e poucos países têm condições de atender a essa demanda como o Brasil.”

Os cálculos dos analistas sobre o volume de terras agricultáveis disponíveis no Brasil variam de 60 milhões a 200 milhões de hectares.

Projeções mostram que, até 2022, a produção de grãos aumentará 22%. A soja seguirá como o produto principal, com média de 2,3% ao ano. O trigo, milho, carnes bovinas e suínas também irão puxar esse crescimento

Preços externos das commodities mantêm queda

Os preços externos das commodities mantiveram tendência de queda em fevereiro, em relação a igual período do ano passado, o que vem reduzindo o saldo da balança comercial. No setor agrícola, a tendência foi de queda, mas abaixo do esperado. O setor externo ainda não acredita muito na supersafra mundial de grãos para este ano.

Soja e milho mantêm preços acima dos do início de 2012 devido às incertezas em relação ao clima. A soja, o quinto na lista das exportações no primeiro bimestre de 2013, teve queda no volume e nas receitas, mas os preços médios do produto estão 18% acima dos de igual período de 2012.



Cuidar agora para não faltar depois

O aumento da demanda por alimentos dos países emergentes, somado às mudanças climáticas, está entre as principais causas do aumento da fome mundial

O planeta Terra tem hoje mais de 7 bilhões de habitantes. A previsão é de que até 2025 sejamos 8 e, até o fim do século, 10 bilhões de habitantes. Em 2050, no entanto, se a preservação ambiental caminhar no mesmo ritmo de hoje, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação já lida com a possibilidade de faltarem alimentos para boa parte da população no mundo.

Não há dúvidas de que o cenário atual é temerário: estima-se que os fazendeiros do planeta têm até 2043 para elevar a produção de grãos em 60%, passando dos atuais 2,5 bi-

lhões para 4 bilhões de toneladas. Mas é preciso fazer isso preservando os recursos naturais, caso contrário, viveremos num mundo escasso. Há preocupação com o consumo de água (que dobrou desde os anos 60, e 70% do seu uso se destina à agricultura), com a preservação de espécies de animais, com o aquecimento global e a devastação dos ecossistemas – fatores que parecem andar na contramão da produção e consumo de alimentos, que só aumenta.

Como fazer, então, para alimentar uma superpopulação sem causar danos? O primeiro passo é entender que, para que não falte comida em

2050, é preciso que a população comece a aderir ao desenvolvimento sustentável com a seriedade com que ele merece ser tratado.

“Fala-se à exaustão sobre sustentabilidade, mas poucos entendem o seu real significado. Um projeto é realmente sustentável, por exemplo, quando se produz em uma área e se consegue reduzir os danos à natureza daquele local. Tem que haver essa relação, caso contrário, ele não é sustentável”, resume o pesquisador da Embrapa e doutor em Genética Molecular e Celular pela Universidade de Nottingham, na Inglaterra, Elíbio Rech.

Rech, que há dez anos integra o seletor time que introduziu o plantio de soja e feijão transgênicos no Brasil, sabe que a única maneira de garantir que não haja um colapso num futuro próximo é fazendo com que os setores público, privado e todo e qualquer ser humano mudem radicalmente sua postura, antes que seja tarde. Na prática, além da preservação efetiva da biodiversidade, dos recursos aquíferos, do solo, redução de CO₂ na atmosfera, de garantir a estabilidade climática, os agentes interessados também precisam querer melhorar a qualidade de vida do homem no campo.

“Há um consenso global de que, para que as gerações futuras não sejam afetadas, teremos que intensificar a produção reduzindo impactos no meio ambiente. Mas não se faz sustentabilidade mantendo aquele produtor rural das classes econômicas menos favorecidas vivendo em condições de extrema pobreza”, alerta Rech.

Responsáveis por boa parte da produção brasileira de alimentos, os agricultores dessa faixa social acabam ficando à margem em comparação com o extremo oposto da produção brasileira de alimentos, uma das maiores do mundo graças, sobretudo, às ótimas condições ambientais. Hoje, o setor, amparado pela biotecnologia, a ciência que estuda a engenharia genética dos alimentos – os tão falados transgênicos –, está indo bem economicamente, mas o seu acesso é restrito.

“A preocupação com o homem do campo é extremamente legítima. Eles não têm acesso à tecnologia, os filhos ainda ajudam os pais na lavoura. O correto é eles terem aulas sobre ecologia, é estarem na escola, eles não têm que estar no meio rural colhendo ervas daninhas. As políticas públicas têm que dar conta de problemas de vulnerabilidade no campo”, afirma ele.



Elíbio Rech:
“É preciso intensificar a produção para não afetar as gerações futuras

Sustentabilidade: um assunto complexo

A problemática da escassez de alimentos, todavia, não está ligada apenas à preservação ambiental e à produtividade no campo. Assunto presente no debate político e econômico brasileiro, reúne uma equação de fatores que contribuíram para o agravamento da situação. Inclui-se, aí, ascensão – aumento do consumo de carnes – das classes CD, aumento da participação de nações emergentes densamente povoadas como a China e a Índia, entre outras causas.

O descompasso entre produção e demanda coloca terror na indústria mundial de alimentos, que teme não dar conta de bocas que comem cada vez mais carne e eleva o preço global da comida a recordes históricos. E é claro que o problema só deve piorar quando a população ultrapassar os 9 bilhões, em 2043, segundo a ONU. Mas é óbvio que para dar conta de tantas safras recordes (em 2011 foram 153 milhões de toneladas) haverá um custo alto a ser pago.

Inovação e qualificação promovem a agricultura brasileira



Por Adriana Brondani*

O agronegócio é um dos mais importantes setores da economia brasileira e vem sendo palco de profundas transformações no período contemporâneo. Qualquer comparativo entre a década de 1990 e a de 2010 revela novos padrões sociais, culturais e econômicos. A incorporação do Cerrado à produção agrícola, a introdução do plantio direto e o cultivo de transgênicos, combinados à capacidade de absorção do conteúdo pelos agricultores, estão entre as novas ferramentas à disposição dos produtores para facilitar o manejo, reduzir os custos e aumentar a produtividade.

De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), nos últimos 15 anos, a agropecuária representou aproximadamente 23% do PIB, ou seja, a cada R\$ 4,00 produzidos pelo Brasil, R\$ 1,00 é proveniente do setor primário. Essa expressiva representatividade é resultado do emprego de tecnologia no campo, fundamental para o bom desempenho e a modernização produtiva. A agricultura brasileira de grãos conseguiu incorporar os benefícios do conhecimento técnico-científico do melhoramento genético clássico e biotecnológico.

Em 2013, se confirmadas as previsões da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Brasil vai colher

o recorde de 185 milhões de toneladas de grãos e oleaginosas. Somente as culturas da soja, do milho e do algodão, somadas, poderão representar 87% do total produzido, ou aproximadamente 162 milhões de toneladas. Não por acaso, essas três culturas também são aquelas que contam com a inovação da biotecnologia.

A percepção dos benefícios de organismos geneticamente modificados (OGM) usados na agricultura tem promovido amplo processo de adoção desta tecnologia. Hoje, segundo dados do Serviço Internacional para a Aquisição de Aplicações em Agrobiotecnologia (ISAAA), o Brasil já planta 36,6 milhões de hectares com eventos transgênicos, ocupando o segundo lugar no ranking de área plantada, atrás apenas dos Estados Unidos. A taxa de adoção da soja GM no país é de 89%, a do milho chega a 76% e a do algodão 50%. Entre os aspectos que contribuem para o bom desempenho do país no que se refere à adoção é possível destacar o sistema regulatório estável e rigoroso e as sementes adaptadas às diferentes realidades brasileiras.

Adotando técnicas inovadoras, é possível produzir mais, reduzindo, portanto, a pressão por novas áreas agricultáveis e em consonância com metas de sustentabilidade. Para tanto, o uso de sementes geneticamente modificadas (GM) é uma ferramenta essencial. Contudo, o desenvolvimento de novas tecnologias demanda

“A introdução do plantio direto e o cultivo de transgênicos, combinados à capacidade de absorção do conteúdo pelos agricultores, reduzem os custos e aumentam a produtividade”

tempo, pesquisa, recursos humanos altamente qualificados, equipamentos de última geração e investimento em todo o processo. É o pagamento de royalties que viabiliza o modelo de negócios e reconhece a autoria das tecnologias geradas como um instrumento que permite a retroalimentação da dinâmica de inovação. Só assim é possível que parte dos recursos sejam reinvestidos, sempre objetivando a criação de produtos que tragam benefícios para a sociedade.

Com 36 eventos transgênicos com características agronômicas a sua disposição, o produtor brasileiro é quem mais aproveita as vantagens da tecnologia. Estudo feito pela consultoria Céleres sobre impactos econômicos e socioambientais dos transgênicos nas lavouras do país mostrou que, desde a primeira vez em que foi adotada no Brasil, em 1996, a biotecnologia agrícola já proporcionou aos agricultores ganhos econômicos de US\$ 18,8 bilhões. Somando o aumento de produtividade e a redução de custos proporcionada pela adoção de sementes GM, os agricultores acumulam ganhos de US\$ 15,2 bilhões, 81% do total.

Segundo a mesma pesquisa, um produtor de uma lavoura de 50 hectares de milho resistente a insetos, por exemplo, acumula retorno adicional de até US\$ 100 mil em quatro anos. Para os próximos dez anos, a estimativa é que esse mesmo produtor tenha um incremento de US\$ 324 mil. Com a previsão de novas liberações, maior adoção e o aprimoramento das tecnologias atuais, o benefício econômico total da adoção dos transgênicos nos próximos dez anos deve chegar a US\$ 118 bilhões, sendo que 82% desse

valor ficará com o agricultor, porcentagem ainda maior do que a atual.

Trabalhos internacionais também confirmam que as culturas geneticamente modificadas (GM) oferecem vantagens se comparadas às suas variedades convencionais. Um estudo publicado pela Universidade de Cambridge (2013) conclui que o uso de biotecnologia agrícola é proveitoso tanto do ponto de vista econômico quanto do agrônômico. A análise dos dados levantados em todas as regiões do mundo revela que, no que se refere ao nível de desenvolvimento, as plantas transgênicas são benéficas para todos os países e tipos de agricultura.

A supersafra esperada para 2013, um importante resultado que ajuda a fortalecer e a promover o crescimento da economia brasileira, é decorrente do investimento permanente e da adoção de novas tecnologias na agricultura. A prosperidade do agronegócio, entretanto, só é possível porque há agricultores arrojados, ferramentas que aumentam a competitividade do setor e pesquisa de ponta que faz com que o Brasil seja referência mundial em produtividade em agricultura tropical. Em outras palavras, ainda que existam desafios a serem superados, o sucesso do agro no Brasil é um mérito de todas as pessoas que compõem a cadeia produtiva, do agricultor ao consumidor, do pesquisador ao empreendedor.

**Adriana Brondani é doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), diretora-executiva e porta-voz do Conselho de Informações sobre Biotecnologia.*

“Estudo sobre impactos econômicos e socioambientais dos transgênicos mostrou que, desde a primeira vez em que foi adotada no Brasil, em 1996, a biotecnologia agrícola já proporcionou aos agricultores ganhos econômicos de US\$ 18,8 bilhões”

Sem tempo
para ir ao Sebrae?
E agora?



> Baixe o aplicativo do
Sebrae na App Store.

Agora o Sebrae vai até você.

O Sebrae pode ajudar você a encontrar soluções sob medida para sua empresa, sem que você tenha que sair dela. Agende uma consultoria **NEGÓCIO A NEGÓCIO**. Nossos profissionais irão até você e farão uma análise diretamente no seu negócio. **E agora? Sebrae agora.**

Ligue 0800 570 0800.

Quem tem conhecimento vai pra frente | 0800 570 0800 | sebrae.com.br

**NEGÓCIO
a NEGÓCIO**

40
SEBRAE
40 ANOS

SEBRAE

*Serviço Brasileiro de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas*

Para os especialistas em acreditar no trabalho, **somos especialistas** em mostrar resultados.

0800 570 0800 | sebrae.com.br

Quem tem seu próprio negócio é um especialista. Mas para começar ou melhorar a sua empresa, até um especialista precisa de especialistas em pequenos negócios. Vai empreender? Vai ampliar? Vai inovar? Conte com o Sebrae.



> Baixe o aplicativo do Sebrae na App Store ou na Play Store.

Como vai? **Somos o Sebrae.**
Especialistas em pequenos negócios.

Educação Empreendedora

Consultoria

Gestão

Inovação

Resultados



Serviço Brasileiro de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas